

CALÍGULA

AUTOR: Albert Camus - Tradução de Maria da Saudade Cortesã

Número de personagens: 13 homens e uma mulher

Personagens:

Primeiro patrício

Segundo patrício

Velho patrício

Helicon

Kerea

Scipião

Cesônia

Intendente

Mucio

Terceiro patrício

Quarto patrício

Quinto patrício

Lepido

Calígula

Número de páginas: 44

Número de exemplares: 1

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010



TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



TEATRO DE ARENA : 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

CALÍGULA
de Albert Camus
tradução de Maria da Saudade Cortesão

em 4 atos

CALÍGULA

de Albert Camus



PRIMEIRO ATO

Cena 1

PRIMEIRO PATRICIO- Nada, sempre nada.

VELHO PATRICIO- Nada de manhã e nada de tarde.

SEGUNDO PATRICIO- Nada há três dias.

VELHO PATRICIO- Os correios partem, os correios voltam. Abenam a cabeça e dizem: "Nada".

SEGUNDO PATRICIO- Bateram-se os arredores de ponta a ponta, não há mais nada a fazer.

PRIMEIRO PATRICIO- Não vale a pena preocupar-se antes de tempo. Espere - mes. Assim como fei, pede voltar.

VELHO PATRICIO- Eu e vi sair do palácio. Tinha um olhar estranho.

PRIMEIRO PATRICIO- Também e vi, e até lhe perguntei o que tinha.

SEGUNDO PATRICIO- E ele respondeu?

PRIMEIRO PATRICIO- Uma palavra apenas: "Nada".

SEGUNDO PATRICIO- É para inquietar.

PRIMEIRO PATRICIO- Ora, os meços são todos assim.

VELHO PATRICIO- Naturalmente, a idade tudo apaga.

SEGUNDO PATRICIO- Pensa que sim?

PRIMEIRO PATRICIO- Esperemos que esqueça.

VELHO PATRICIO - É claro, mulheres não faltam.

HELICON- E porque há de ser amor?

PRIMEIRO PATRICIO- Que há de ser, então?

HELICON- O fígado, talvez. Ou apenas o enjôo da vossa presença diária. Seriam tão mais fáceis de suportar, os nossos contemporâneos, se pudessem mudar de focinho de vez em quando. Mas qual. O car, digo, o menu nunca varia. É sempre a mesma mixórdia.

VELHO PATRICIO- Prefiro pensar que se trata de amor. É mais comvente.

HELICON- E mais tranquilizante, sobretudo mais tranquilizante. É o gênero de doença que não poupa ninguém: nem os inteligentes, nem os imbecis.

PRIMEIRO PATRICIO- De qualquer forma, os desgostos não são eternos. Felizmente. Quem é capaz de sofrer mais de um ano?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



SEGUNDO PATRICIO- Eu não.

PRIMEIRO PATRICIO- Ninguém tem esse poder.

VELHO PATRICIO- A vida seria impossível.

PRIMEIRO PATRICIO- Já vêm. Eu, por exemplo. Perdi a minha mulher e ano passado. Chorei muito e depois esqueci. De vez em quando sofre. Mas afinal não é nada demais.

VELHO PATRICIO- A natureza é sábia.

HELICON- Ainda assim, quando olho para vocês, tenho a impressão de que ela às vezes também erra.

PRIMEIRO PATRICIO- Então?

KEREA- Nada, sempre nada.

HELICON- Calma senhores, muita calma. É preciso salvar as aparências. O Império Romano somos nós. Se perdermos a fachada, o Império desaba, digo, perde a cabeça. E não é agora o momento, ah, não. E antes de mais nada, vamos almoçar. Fará bem até ao Império.

VELHO PATRICIO- Tem razão, não se deve deixar o certo pelo duvidoso.

KEREA- Não gosto nada disso. Mas tudo ia bem demais. Era um modelo de (M) imperador.

SEGUNDO PATRICIO- Tal qual o necessário: criterioso e sem experiência.

PRIMEIRO PATRICIO- Mas afinal, o que aconteceu? E por que tantos lamentos? Nada lhe impede de continuar. Ele amava Drusila, está certo. Mas no fim de contas era sua irmã. Dormir com ela, já era muito. Mas revolucionar Roma só porque ela morreu, ultrapassa os limites.

KEREA- Deixá-lo. Não gosto nada disso, e a sua fuga não me agrada nada.

VELHO PATRICIO- É, não há fumaça sem fogo.

PRIMEIRO PATRICIO- Em todo o caso, a razão de estado não pode admitir um incesto que toma proporções de tragédia. O incesto vá, mas discreto.

HELICON- É que o incesto, forçosamente, sempre causa um certo rumor. O leite range, se ouse dizer. Mas afinal, quem nos diz que se trata de Drusila?

SEGUNDO PATRICIO- E de quem há de ser?

HELICON- Adivinhem. Aliás, notem bem, a desgraça é como o casamento: julga-se escolher e é-se o escolhido. É assim; não há nada a fazer. O nosso Calígula acha-se infeliz, talvez nem saiba porquê. Deve-se ter sentido acurrulado, e então fugiu. Todos teríamos feito o mesmo. Eu, aqui onde me vêm, se pudesse ter escolhido o meu pai, nunca teria nascido.

KEREA- Então?

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



SCIPIAO- Nada, ainda. Uns camponeses julgaram vê-lo ontem de noite perto daqui, correndo na tempestade.

KEREA- Passaram já uns três dias, não é Scipião?

SCIPIAO- Sim. Eu estava junto, digo, presente, seguindo-o como de costume. Aproximou-se do cadáver de Drusila; tocou-o com a ponta dos dedos. Pareceu meditar, depois girou nos calcanhares e saiu calmamente. Estamos atrás d'êle desde então.

KEREA- Era demasiado literato o rapaz.

SEGUNDO PATRICIO- É próprio da sua idade.

KEREA- Mas não é próprio da sua condição. Um imperador artista não é admissível. Tivemos um ou dois, é claro; há ovelhas tinhosas em todos os rebanhos. Mas os outros tiveram o bom gosto de permanecer funcuinérios.

PRIMEIRO PATRICIO- Era mais repousante.

VELHO PATRICIO- A cada um o seu officio.

SCIPIAO- Que devemos fazer, Kerea?

KEREA- Nada.

SEGUNDO PATRICIO- É esperar. Se não volta, teremos que o substituir. Aqui entre nós, imperadores não faltam.

PRIMEIRO PATRICIO- Não. Faltam apenas caracteres.

KEREA- E se êle voltar com más disposições?

PRIMEIRO PATRICIO- Ora, é ainda uma criança. Havemos de o convencer a ter juízo.

KEREA- E se êle faz ouvidos moucos?

PRIMEIRO PATRICIO- Então: não escrevá, em tempos, um tratado do Golpe de Estado?

KEREA- É claro, se fosse necessário... Mas preferia que me deixassem em paz com os meus livros.

SCIPIAO- Queiram desculpar.

KEREA- Ofendeu-se.

VELHO PATRICIO- É um meninote. Os jovens são solidários.

HELICON- Solidários ou não, empre acabam envelhecendo.

CENA 11

HELICON- Bom dia, Caio.

CALIGULA- Bom dia, Hélicon.

HELICON- Parecees fatigado?

CALIGULA- Andei muito.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



HELICON-- É, tua ausência foi longa.

CALIGULA-- Era difícil de encontrar.

HELICON-- O que?

CALIGULA-- O que eu queria.

HELICON-- E o que querias tu?

CALIGULA-- A lua.

HELICON-- Como?

CALIGULA-- Sim, queria a lua.

HELICON-- Ah... E para que?

CALIGULA-- Oh...é uma das coisas que me faltam.

HELICON-- Ah, sim. E afinal, conseguiste?

CALIGULA-- Não, não me foi possível.

HELICON-- Que contrariedade.

CALIGULA-- Sim, é por isso que estou cansado, Hélicon?

HELICON-- Sim, Caio?

CALIGULA-- Pensas que estou louco?

HELICON-- Bem sabes que nunca penso. Sou demasiado inteligente para tal.

CALIGULA-- Bem. Enfim. Mas não estou louco e até nunca fui tão razoável. Simplesmente, senti em mim um súbito desejo de impossível. As coisas tal como estão, não me parecem satisfatórias.

HELICON-- É uma opinião bastante difundida.

CALIGULA-- É verdade, mas antes não o sabia. E agora sei. O mundo assim como está não é suportável. Por conseguinte, preciso da lua ou da felicidade, ou da imortalidade, de qualquer coisa que seja loucura, talvez, mas que não pertença a este mundo.

HELICON-- É um raciocínio lógico, mas geralmente não se pode levar até ao fim.

CALIGULA-- Isso é que tu não sabes. Não se consegue nada, precisamente porque nada se leva até o fim. Mas talvez baste levar a lógica ao extremo limite. Bem sei o que estás pensando. Tanta história pela morte duma mulher. Não, não se trata disso. Parece-me recordar, é certo, que há dias morreu uma mulher que eu amava. Mas que é o amor? Pouca coisa. Essa morte não é nada, eu juro; é apenas o indício de uma verdade que me torna a lua necessária. É uma verdade clara, mas, até simplória, mais difícil de descobrir e dura de suportar.

HELICON-- E que verdade é essa Caio?

CALIGULA-- Os homens morrem e não são felizes.



HELICON- Ora, Caio, é uma verdade a que a gente se habitua muito. Bem. Olha só em torno de ti. Não é isso que os impede de almoçar.

CALIGULA- Então é porque em torno de mim tudo é mentira, e eu, exijo que se viva segundo a verdade. E justamente, tenho meios de os obrigar a isso. Bem sei o que lhes falta, Hélicon. São ignares e falta-lhes um professor consciente.

HELICON- Não te ofendas, Caio, do que te vou dizer. Mas, antes de mais nada, devias repousar-te.

CALIGULA- Não é possível, Hélicon. Nunca mais será possível.

HELICON- E por que?

CALIGULA- Se durmao, quem me dará a lua?

HELICON- É verdade.

CALIGULA- Escuta, Hélicon. Sinto passes e barulho de vozes. Guarda silencio e esquece que acabas de me ver.

HELICON- Compreende.

CALIGULA- E por favor, ajuda-me de agora em diante.

HELICON- E por que não, Caio. Mas sei muitas coisas e poucas me interessam. Em que posso ajudar-te?

CALIGULA- No impossível.

HELICON- Farei o que puder.

CENA V

SCIPIAO- Ninguém. Não o viste, Hélicon?

HELICON- Não.

CESONIA- Hélicon, verdadeiramente êle não te disse nada antes de fugir?

HELICON- Não sou o seu confidente, sou o seu espectador. É mais prudente.

CESONIA- Por favor...

HELICON- Cara Cesônia, Caio é um idealista, todos o sabem. É o mesmo que dizer que êle ainda não compreendeu nada. É por isso que eu não me ocupo de coisa alguma. Mas se Caio se dispõe a compreender, é capaz pelo contrário, com o seu coraçãozinho de ouro, de se ocupar de tudo. E sabe Deus o que isso nos vai custar. Mas, se me permitem, o almoço.

CENA VI

CESONIA- Um guarda diz que o viu passar. Mas Roma inteira vê Calígula por toda a parte. E Calígula vê apenas a sua idéia.

SCIPIAO- Que idéia?

CESONIA- E como hei de saber, Scipião?

SCIPIAO- Drusila?

CESONIA- Quem sabe lá? Mas é certo que a amava. Na verdade, morder o que ontem se apertava ao peito.

SCIPIAO- E tu?

CESONIA- Eu? Sou apenas a velha amante.

SCIPIAO- Cesônia, preciso salvá-lo.

CESONIA- Tens-lhe afeto, então?

SCIPIAO- Tenho. Era bom comigo. Encorajava-me e sei de cor certas palavras d'ele. Dizia-me que a vida não é fácil, mas que há a religião, a arte e o amor que nos dedicam. Repetia frequentemente que fazer sofrer era a única forma de errar. Queria ser um homem justo.

CESONIA- Era uma criança. Nunca tive outro Deus senão o meu corpo. E é a esse Deus que eu queria hoje suplicar que Caio me seja devolvido.

CENA VII

INTENDENTE- Nós... andávamos a tua procura, César.

CALIGULA- Bem vejo.

INTENDENTE- Nós... quer dizer...

CALIGULA- Que querem vocês?

INTENDENTE- Estávamos inquietos, César.

CALIGULA- Com que direito?

INTENDENTE- De qualquer forma, bem sabes que tens de regularizar certas questões referentes ao tesouro público.

CALIGULA- O Tesouro? É claro, o Tesouro. Mas é de importância capital.

INTENDENTE- Certamente César.

CALIGULA- Não é verdade, minha cara, que é muito importante o Tesouro Público?

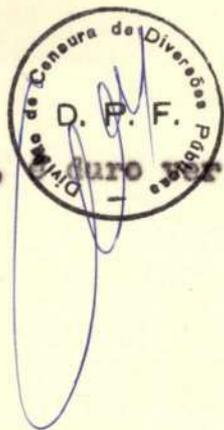
CESONIA- Não Calígula, é uma questão secundária.

CALIGULA- É que não entendes nada disso. O tesouro é de mais alto interesse. Tudo é importante: as finanças, a moral pública, a política exterior, o abastecimento do exército e as leis agrárias. Tudo é de importância capital, repito. Tudo está num mesmo nível: a grandeza de Roma e as tuas crises de artrite. Ah, mas eu vou me ocupar de tudo. Escuta um pouco, intendente.

INTENDENTE- Estamos escutando.

CALIGULA- És-me dedica o, não és?

INTENDENTE- Ora César.



CALIGULA- Pois então, tenho um plano a submeter-te. Vamos revolucionar a economia política em dois tempos. Eu te explico, Intendente: quando os patrícios saírem.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENA VIII

CALIGULA- Escuta bem. Primeira etapa: todos os patrícios, todos os cidadãos do Imperio, que disponham duma certa fortuna - pequena ou grande, tanto faz - devem obrigatoriamente deserdar os filhos e fazer testamento na mesma hora em favor do estado.

INTENDENTE- Mas César...

CALIGULA- Ainda não te concedi a palavra. A medida das nossas necessidades, faremos morrer estas pessoas segundo ordem estabelecida arbitrariamente. Poderemos, aliás, modificar essa ordem. E herdamos.

CESONIA- Mas que te aconteceu?

CALIGULA- A ordem das execuções não tem, com efeito, a mínima importância. Ou antes, todas as execuções tem uma importância igual, e que equivale a dizer que não tem nenhuma. Aliás, tão culpados são uns como os outros. Notem, que não é mais imoral roubar diretamente os cidadãos, do que aplicar furtivamente impostos indiretos no preço dos gêneros de primeira necessidade. Governar é roubar, todo o mundo sabe. Mas há o jeito. Por mim, roubarei as claras. Vamos deixar de misérias. Escuta estas ordens sem tardar. Hoje mesmo os testamentos devem ser assinados pelos habitantes de Roma, e daqui a um mês, no máximo, pelos provincianos. Manda emissários.

INTENDENTE- César, não te dá conta...

CALIGULA- Escuta só, imbecil. Se o tesouro é importante, a vida humana não o é. Os que pensam como tu devem admitir este raciocínio e não ter a vida em conta, visto acharem que o dinheiro é tudo. Em suma, decidi ser lógico e já que tenho o poder na mão, vão ver o que a lógica vos vai custar. Darei cabo das contradições e dos contraditores. Se for preciso, começarei por ti.

INTENDENTE- César, jure, a minha boa vontade não está em causa.

CALIGULA- Nem a minha, podes crer. A prova é que concinto em adotar o teu ponto de vista e encarar o tesouro público como um assunto de meditações. Em suma, deves-me agradecer, visto que entro no teu jogo e utilize as tuas cartas. Aliás, o meu plano, na sua simplicidade é genial, e que encerra a discussão. Tens três segundos para desaparecer da minha vista. Vou contar: um...

CESONIA- Não te reconheço, Caio. Trata-se duma brincadeira?

CALIGULA- Neo é bem isso, Cesônia, trata-se de pedagogia.

SCIPIÃO- Mas não é possível, Caio.

CALIGULA- Justamente.

SCIPIÃO- Não te compreendo.

CALIGULA- Justamente. Trata-se do impossível, ou antes, trata-se de tornar possível aquilo que não o é.

SCIPIÃO- Mas é um jogo que não tem limite, é o divertimento de um louco.

CALIGULA- Nada disse, Scipião. É o apanágio de um Imperador. Acabo de compreender finalmente a utilidade do poder. Dar oportunidade ao impossível. Agora e doravante a minha liberdade não vai ter fronteiras.

CESONIA- Não sei se 'motivo para alegria, Caio.

CALIGULA- Tamb'm não sei. Mas suponho que seja um motivo para viver.

CENA X

KEREA- Soube que tinhas regressado. Faça votos pela tua saúde.

CALIGULA- Minha saúde te agradece. Vai-te embora, Kerea, não te quero ver.

KEREA- Surpreendes-me, Caio.

CALIGULA- Não te surpreendas. Não gosto de literatos e não posso suportar-lhes as mentiras. Falem sem saber o que dizem. Se soubessem, veriam que não existem e que não podem mais falar, digo, e não poderiam mais falar. Então, vai-te embora. Tenho horror dos hipócritas.

KEREA- Se mentiras é muitas vezes sem saber. Não me julgo culpado.

CALIGULA- A mentira nunca é inocente. E a vossa dá importância aos homens e as coisas. É isso que não vos perdão.

KEREA- No entanto, temos que defender o mundo se quiser-mos viver Nêle.

CALIGULA- Não defendas nada, a causa já foi ouvida e julgada. Este mundo não tem importância e quem tal reconhece conquista a liberdade. E justamente, tenho ódio de vocês porque não são livres. Em todo o Império Romano, eu, só eu, sou livre. Alegrem-se. Eis que chegou um Imperador para lhes mostrar o que é a liberdade. Sai daqui Kerea, e tu também, Scipião; a amizade faz-me rir. Vão anunciar a Roma que finalmente lhe foi devolvida a liberdade e que com ela uma grande provação começa.

CESONIA

CENA XI

CESONIA- Estés chorando?

CALIGULA - E, tou, Cesônia.





CESONIA- Mas afinal, o que aconteceu? Se é certo que amavas Drusila, amavas-me também a mim e a muitas outras. Não é o bastante para que sua morte tenha te escorregado três dias e três noites para os campos e te faça regreçar com esta aparência hostil.

CALIGULA- Louca. Quem te fala de Drusila? Não podes imaginar outra razão além do amor, para as lágrimas de um homem?

CESONIA- Desculpa Caio. Precuro apenas compreender.

CALIGULA- Os homens choram porque as coisas não são como deviam ser. Deixa, Cesônia. Mas fica perto de mim.

CESONIA- Farei o que quiseres. Na minha idade compreendeu-se já que a vida não é boa. Mas se o mal existe, na terra, para que havemos ainda de aumentá-lo?

CALIGULA- Não podes compreender. Que importe? Talvez consiga libertar-me. Mas sinto surgir em mim seres inomináveis. Que fazer contra eles? Ah, Cesônia, eu tinha ouvido falar em desespero, mas ignorava o significado dessa palavra. Julgava, como todos, que era uma doença da alma. Mas não, é o corpo que sofre. Dói-me a pele, o peito, os membros. Tenho a cabeça vazia e sinto n'uscas. E o mais horrível é este travo na boca. Não é sangue, não é morte, não é febre, mas tudo isso ao mesmo tempo. Basta mover a língua para que as trevas invadam tudo e os seres me repugnem. Como é duro, como é amargo tornar-se homem.

CESONIA- O melhor é dormir, dormir muito: abandonar-se, não refletir. Velarei o teu sono. Quando acordares terás recuperado o gosto pela vida. Emprega então o teu poder a amar o que ainda pode ser amado. O possível merece uma oportunidade.

CALIGULA- Mas seria preciso dormir, abandonar-se. E não posso.

CESONIA- É o excesso de fadiga que te dá essa impressão. Mas passado algum tempo, retomam-se as rédeas na mão.

CALIGULA- Para ir onde? E de que me serve ter as rédeas na mão, de que me serve este meu espantoso poder, se não posso alterar a ordem das coisas, se não posso fazer com que o sol se ponha ao nascente, com que o sofrimento diminua e os homens não morram? Não, Cesônia. Dormir ou estar acordado, tanto faz, se não tenho poderes sobre a ordem do mundo.

CESONIA- Mas seria pretender igualar-se aos deuses. Não há loucura maior.

CALIGULA- Também tu julgas que eu estou louco. E no entanto, que é um Deus para que eu queira igualar-me a ele? O que eu desejo agora com toda a minha força, ultrapassa os deuses. Tome conta dum Império onde o im-

possível reina.

CESONIA- Não poderás fazer com que o céu deixe de ser o céu e um rosto beloso transforme em feio e o coração dos homens insensível.

CALIGULA- Quero misturar céu e terra, confundir beleza e fealdade, fazer com que o céu, digo, o riso nasça do sofrimento.

CESONIA- O bem e o mal existem. Existe a grandeza e a abjeção, o justo e o injusto. São coisas que não mudam, podes ter a certeza.

CALIGULA- Decidi mudá-las. Farei ao meu século o dom da igualdade. E quando tudo estiver aplanado, o impossível reinar finalmente na terra e a lua repousar nas minhas mãos, talvez então eu me tenha transformado e o mundo comigo; talvez finalmente os homens não morram e sejam felizes.

CESONIA- Não poderás negar o amor.

CALIGULA- O amor, Cesônia. Compreendi que nada vale. É o outro que tem razão: o Tesouro Público. Não ouviste? É o começo de tudo. Ah, agora finalmente é que eu vou viver. Viver, Cesônia, é o contrário de amar. Sou eu quem o diz; sou eu quem te convida a um processo universal, uma festa sem par, o mais belo dos espetáculos. E preciso de gente, preciso de espectadores, preciso de vítimas e de réus. Façam entrar os réus, necessito de réus. Todos são culpados. Mandem vir os condenados à morte. Público. Preciso do meu público. Acusados, juizes, testemunhas, todos estão antecipadamente condenados. Ah, Cesônia, vou-lhes mostrar aquilo que nunca viram, o único homem livre deste Império. E tu, Cesônia, vais-me obedecer. Vais-me sempre ajudar. Vai ser maravilhoso. Jura que me ajudarás Cesônia.

CESONIA- Não preciso jurar visto que te amo.

CALIGULA- Farás tudo o que eu disser.

CESONIA- Sim, Calígula, mas para.

CALIGULA- Serás cruel.

CESONIA- Cruel.

CALIGULA- Fria e implacável.

CESONIA- Implacável.

CALIGULA- Sofrerás também.

CESONIA- Sofrerei, Calígula, mas para, assim enlouqueço.

CALIGULA- Venham todos. Aproximem-se. Exige que se aproximem. É um Imperador que ordena que se aproximem. Venham depressa. E agora, avança Cesônia. Mais nada, estão vendo? Acabaram-se as lembranças, apagaram-se os rostos. Nada, mais nada. E sabes o que ficou? Aproxima-te um pouco. Olha. Venham



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 94020-025

todos. Olhem.

CESONIA- Calígula.

CALIGULA- Calígula.



TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

SEGUNDO ATO

CENA I

PRIMEIRO PATRICIO- Insulta nossa dignidade.

MUCIO- Há três anos.

VELHO PATRICIO- Chama-me bonequinha. Ridiculariza-me. Morra.

PRIMEIRO PATRICIO- Faz-nos correr à roda de sua liteira tôdoas as tardes quando vai passear no campo.

SEGUNDO PATRICIO- E depois diz que correr faz bem à saúde.

MUCUI- Há três anos.

VELHO PATRICIO- Não tem desculpa.

TERCEIRO PATRICIO- Não tem perdão.

PRIMEIRO PATRICIO- Patrício, confiscou os teus bens; matou o teu pai, Scipião; raptou a tua mulher, Otávio, e levou-a para o seu prostíbulo. Lépido, matou o teu fãlho. Estão sispestos a aguentar com tudo? Por mim já decidi. Entre o risco a correr e esta vida insuportável de pavor e impotência, não exite.

SCIPião- Ao matar meu pai, êle decidiu por mim.

PRIMEIRO PATRICIO- Vão exitar ainda?

TERCEIRO PATRICIO- Estamos contigo. Êle distribuiu ao povo os nesses lugares no circo e incitou-nos a lutar com a plebe para melhor nos castigar depois.

VELHO PATRICIO- Ê um covarde.

SEGUNDO PATRICIO- Um cínico.

TERCEIRO PATRICIO- Um comediante.

VELHO PATRICIO- Um impotente.

QUANTO PATRICIO- Há três anos.

CENA II

KEREA- Onde vão com tanta pressa?

TERCEIRO PATRICIO- Ao palácio.



KEREA- Bem vejo. Mas pensam que os deixarão entrar?

PRIMEIRO PATRICIO- Não se trata de pedir licença.

KEREA- Que energia repentina. Permitam que ao menos me sente, na minha própria casa? Não é tão fácil, meus amigos. O medo que vos impele não pode fazer as vezes de coragem e de sangue frio. Tudo isso é prematuro.

TERCEIRO PATRICIO- Se não estás conosco, retira-te. Mas não dês com a língua nos dentes.

KEREA- Acho que estou com vocês, apesar de tudo. Mas por outras razões.

TERCEIRO PATRICIO- Basta de conversas.

KEREA- Sim, basta de conversas. Vamos por as coisas em claro. Estou convosco, mas não sou a vossa favor. E o método que adotaram não me parece bom. Não reconheceram ainda o vosso verdadeiro inimigo e atribuíam-lhe motivos mesquinhos. Os motivos d'ele são elevados e correis à vossa perda. Aprendam a vê-lo tal como é para melhor o combater.

TERCEIRO PATRICIO- Bem vemos o que ele é: o mais insensato dos tiranos.

KEREA- Não é seguro. Imperadores loucos, já os tivemos. Mas este não chega bem a ser um louco. O que eu detesto n'ele é que ele sabe o que quer.

PRIMEIRO PATRICIO- Quer a morte de todos nós.

KEREA- Não, isso é secundário. Ele põe o seu poder a serviço de uma paixão mais alta e mais funesta, ameaça o que temos de mais profundo. Não é sem dúvidas a primeira vez que entre nós um homem dispõe dum lugar sem limites mas é a primeira vez que se serve d'ele ilimitadamente, a ponto de negar o homem e o mundo. É isso que me apavora e que pretendo atacar. Perder a vida é coisa de somenos e terei essa coragem quando for preciso. Mas ver esfumar-se o sentido da vida, desaparecer a nossa razão de existir, isso é que é insuportável. Não se pode viver sem uma razão.

PRIMEIRO PATRICIO- A vingança é uma razão.

KEREA- Sim, e vou partilhar com vocês. Mas devem compreender que não o faço para tomar partido das vossas pequenas humilhações. É para lutar contra contra uma idéia grandiosa cuja vitória significaria o fim do mundo. Posso admitir que vocês sejam postos em ridículo, mas não posso aceitar que Galgula faça aquilo que sonha fazer. A sua filosofia transforma-se em cadáveres e, para nossa infelicidade, é uma filosofia que não admite objeções. É forçoso agir quando não se pode refutar.

TERCEIRO PATRICIO- Vamos agir então.

KEREA- Sim, vamos agir. Mas não se pode destruir esse poder injusto ata-



cando-o de frente, quando ele está em pleno vigor. A tirania pode-se combater, as é necessário usar de astúcia contra a maldade gratuita. É preciso incitá-la, exasperá-la, esperar que a lógica se transforme em demência.. Mas repito, e o que disse foi por honestidade, compreendam bem que ficarei convosco apenas temporariamente. Deposi, não servirei os vossos interesses, desejoso apenas de recobrar a paz, num mundo de novo coerente. Não é a ambição que me faz agir, mas um medo lógico, o medo desse inumano lirismo junto do que a minha vida não conta para nada.

PRIMEIRO PATRICIO- Acho que compreendi, mais ou menos. Mas o essencial é que tu penses, como nós, que as bases da sociedade estão minadas. Nós pensamos, não é verdade? -que a questão é antes de tudo moral. A família periga, perde-se o respeito ao trabalho, a pátria inteira fica entregue à blasfêmia. A virtude clama por socorro, não escutaremos o seu apêlo? Conjurados, afinal, aceitareis que os patricios sejam obrigados a correr à roda de César, digo, da liteira de César, todas as tardes?

VELHO PATRICIO- Permitireis que os chamem de meu benzinho?

TERCEIRO PATRICIO- Que lhes roubem a mulher?

SEGUNDO PATRICIO- E os filhos?

MUCIO- E o dinheiro?

QUINTO PATRICIO- Não.

PRIMEIRO PATRICIO- Falaste bem, Kerea. Tivestes razão em nos aclamar. É ainda cedo para agir: hoje o povo estaria contra nós. Mas aguardarás conosco o momento propício?

KEREA- Sim. Deixaremos Calígula continuar nessa vida. Devemos até empurrá-lo. Organizemos a sua loucura. Há de vir um dia em que ele se encontrará sozinho diante dum Império de mortos e de parentes de mortos.

CENA III

CESONIA- Estavam brigando?

KEREA- Estávamos.

CESONIA- E pro que razão?

KEREA- Sem razão.

CESONIA- Então não é verdade.

KEREA- Não é verdade o que?

CESONIA- Não estavam brigando.

KEREA- Então não estávamos.

CESONIA- Talvez seja melhor arrumar um pouco a sala. Calígula tem horror

da desordem.

HELICON- Vão acabar por exasperá-lo.

VELHO PATRICIO- Mas afinal, o que fizemos nós?

HELICON- Nada precisamente. É inacreditável que se possa levar a insignificância a este ponto. Acaba sendo insuportável. Ponham-se no lugar de Calígula. Naturalmente, sempre conspiravam um pouco, não é verdade?

VELHO PATRICIO- Mentira, ora essa. Que pensa ele?

HELICON- Não pensa, sabe. Mas acho que no fundo até o deseja. Vámes, ajudem a reparar a desordem.

CENA V

CALIGULA- Bom dia, meu benzinho. Kerêa, decidi restaura-me aqui em tua casa. E permiti-me convidar a tua mulher, Múcio. Um instante. Senhores, como é de vosso conhecimento, as finanças do estado mantinham-se de pé, até agora, apenas pela força do hábito. Desde ontem nem o hábito basta. Acho-me pois, defronte à lamentável necessidade de proceder a uma compressão do pessoal. Num espírito de sacrificio, que estou certo apreciarreis, decidi reduzir o meu trem de vida, libertando alguns escravos e vou tomar-vos ao meu serviço. Façam o favor de preparar a mesa e de a servir.

HELICON- Então, senhores, um pouco de boa vontade. Verão que é mais fácil descer a escada social do que subi-la.

CALIGULA- Qual é o castigo reservado aos escravos preguiçosos?

CESONIA- A fustigação, creio.

CALIGULA- Ora, vamo, um pouco mais de aplicação. E método, sobretudo, muito método. Perderam a mão, parece?

HELICON- Na verdade nunca a tiveram, senão para mandar ou castigar. É preciso termos só um pouco de paciência. Para fazer um senador basta um dia, mas são precisos dez anos para fazer um trabalhador.

CALIGULA- E receio que sejam necessários vinte para que um senador se transforme em trabalhador.

HELICON- Ainda assim, vão indo. Acho que são dotados. A servidão lhes convirá. Olha, começam até a transpirar. Já é um progresso,

CALIGULA- Bem, bem, não exijamos demais. Já não estão mal. E depois, um momento de justiça é sempre bom. A propósito de justiça, tenho que me apressar: uma execução me espera. Ah, Rufo tem sorte que eu esteja com fome.



CALIGULA- Muito bem. Não exijamos demais. Já não estão mal. De Repois, um momento de justiça é sempre bom. A propósito de justiça, tenho de me apressar: uma execução me espera. Ah, Rufo tem sorte que eu esteja com fome. Rufo é o cavaleiro que vai morrer. Ninguém me pergunta por que razão êle vai morrer? Ah, vejo que começam a ficar inteligentes. Acabaram compreendendo que para morrer não é preciso um motivo. Soldados, estou contente convosco. Não é verdade Hélicon?

HELICON- Sem dúvida. Que exército. Mas se queres que te diga, echo que estão ficando demasiado inteligentes. Daqui a pouco, vão se negar a combater. Se progridem ainda, o Império desaba.

CALIGULA- Ótimo. Descansatemos. Vamos a ver. Sentem-se a vontade. Nada de protocolos. Realmente, êsse Rufo tem sorte. Mas tenho a certeza que nem aprecia esta pequena trégua. E, no entanto, umas horas ganhadas sôbre a morte, é inestimável. Estás com um ar de mau humor. Será porque eu mandei executar o teu filho?

LEPIDO- Nada disso, Caio. Pelo contrário.

CALIGULA- Pelo contrário. Ah, como eu gosto que o rosto desmintam o coração. O teu rosto está triste. Mas o teu coração? Pelo contrário, não é Lépidos?

LEPIDO- Pelo contrário, Cesar.

CALIGULA- Ah, Lépidos, ninguém me é caro como tu. Vamos rir os dois, vamos? Conta-me uma história divertida.

LEPIDO- Caio.

CALIGULA- Bem, bem. Conto eu então. Mas tu rirás, não é, Lépidos? Quanto mais não seja, pelo teu outro filho. Além disso, não estás de mau humor. Pelo... pelo... vamos, Lépidos.

LEPIDO- Pelo contrário, Caio.

CALIGULA- Ora, ainda bem. Agora, escuta. Era uma vez, um pobre imperador que ninguém amava. Êle, que amava Lépidos, mandou matar o seu filho mais moço para arrancar êsse amor do coração. Naturalmente, não é verdade. Mas é divertido, não? Como, não ris? Ninguém ri? Então, ouçam bem. Exijo que todos riam. Tu, Lépidos, e todos os demais. Levantem-se e riam. Exijo, estão ouvindo? Exijo que todos riam. Olha só para êles, Cesônia. Nada resiste. Honestidade, dignidade, respeito humano, sabedoria das nações, tudo perde o significado diante do Medo. O medo, Hein, Cesônia, que belo sentimento. Imaculado, puro, desinteressado, um dos poucos que tiram sua nobreza das víceras.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Mudemos de assunto. Então, Kerêa, não dizes, digo, estás muito silencioso.

KEREA- Estou pronto a falar, Caio. Quando tu permitires.

CALIGULA- Ótimo. Então não digas nada. Preferia ouvir o nosso amigo Múcio.

MUCIO- Às tuas ordens, Caio.

CALIGULA- Fala-nos, então de tua mulher. E antes de mais nada dize-lhe para vir sentar-se à minha esquerda. Então, Múcio, estamos esperando.

MUCIO- A minha mulher? Gosto dela...

CALIGULA- Certamente, meu caro, certamente. Mas como é banal. A propósito, quando eu entrei, estavam conspirando, não é? Davam-se ao luxo de uma conspiraçãozinha, heim?

VELHO PATRICIO- Mas que idéia, Caio.

CALIGULA- Não tem importância, belezinha. São as boucuras da velhice. Nenhuma importância, rea mente, visto que são incapazes dum ato corajoso. Ah, agora me lembro, que tenho certos negócios a tratar, digo, de Estado a resolver. Mas, antes, satisfaçamos os desejos imperiosos que a natureza suscita em nós.

CENA VI

CESONI- Múcio, beberia com prazer um pouco mais dêste ótimo vinho. Então, Kerêa, se nos disseses agora por que estavam brigando a pouco?

KEREA- Tudo veio, cara Cesônia, duma discussão sôbre se a poesia deve ser mortífera ou não.

CESONIA- É muito interessante. Mas o assunto ultrapassa o meu entendimento de mulher. No entanto, admiro que a vossa paixão pela arte vos leve até a pancada.

KEREA- Sem dúvida. Mas Calígula já me disse que não há paixão profunda sem um pouco de crueldade.

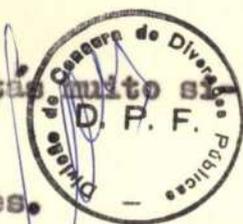
HELICON- Nem amor que não seja um pouco violento.

CESONIA- Até certo ponto é verdade. Não lhes parece?

VELHO PATRICIO- Calígula é um psicólogo vigoroso.

PRIMEIRO PATRICIO- Falou-nos da coragem com muita eloquência.

SEGUNDO PATRICIO- Deveria fazer um resumo das suas idéias. Seria inestimável.





KEREA- Além disso, era uma ocupação. É visível que ôle está necessitado de distrações.

CESONIA- Gostareis de saber que ôle já pensou nisso e que atualmente está escrevendo um vasto tratado.

CENA VII

CALIGULA- Aqui tens tua mulher, Mício. Ela irá ter contigo. Mas desculpem-me, tenho umas instruções a dar.

CENA VIII

CESÔNIA- E êsse grnde tratado, Mício, nada ficará a dever aos mais célebres, ninguém o duvida.

MUCIO- E de que se trata, Cesônia?

CESONIA- Oh, é acima do meu entendimento.

KEREA- Devemos então concluir que se trata do poder mortífero da poesia.

CESONIA- Creio que sim.

VELHO PATRÍCIO- Ótimo. É uma ocupação, como dizia Kerêa.

CESONIA- Sim, belezinha. Mas o que na certa vos desgradará é o título da obra.

KEREA- Qual é?

CESÔNIA- O Gládio.

TEATRO DE ARCA . 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

CENA IX

CALIGULA- Perdoem, mas os negócios do Estado dão imperiosos também. Intendente, manda fechar os celeiros públicos. Acabo de assinar o decreto. Está lá dentro.

INTENDENTE- Mas...

CALIGULA- Haverá fome.

INTENDENTE- O povo vai murmurar.

CALIGULA- Digo que haverá fome. Todos sabem o que é a fome: é um flagelo. Vai haver um flagelo... que eu deterei quando muito bem me apetecer. Afinal, não tenho assim tantas maneiras de provar que sou livre. Somos sempre livres à custa de alguém. É aborrecido mas é normal. Apliquem esta máxima ao ciúme e verã. Ainda assim, é vergonhoso ter ciúmes... Sofrer por vaidade e em imaginação. Ver a sua mulher. Comam, senhores, comam. Sabem que trabalhamos muito eu e o Hélicon?



Estamos dando os últimos retoques num pequeno tratado de execução que, como verão, é uma beleza.

HELICON- Supondo que se lhes peça a opinião.

CALIGULA-Vamos ser generosos, Hélicon. Vamos revelar-lhes os nossos segredinhos. Ora, vejamos, secção III, primeiro parágrafo.

HELICON- A execução alivia e liberta. É universal, fortificante e justa, tanto nas suas aplicações quanto nas suas intenções. Morre-se porque se é culpado. É-se culpado porque se é súdito de Calígula. Ora, todos são súditos de Calígula. Por conseguinte, todos são culpados. Donde se segue que todos tem de morrer.. É só questão de tempo e de paciência.

CALIGULA- Que lhes parece? A paciência, Heim? É um achado. Querem saber uma coisa? É o que eu mais admiro em vocês. E agora, senhores, podem retirar-se. Kerêa já não precisa de vós. Mas Cesônia que fique. E Lépidio e Otávio. Merêa também. Quero discutir convosco a organização do meu prostíbulo. Causa-me grandes preocupações.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA X

KEREA- As tuas ordens, Caio. Que é que não vai bem? É o pessoal que não satisfaz?

CALIGULA- Nada disso. As recitas é que não são boas..

MERÊA- É aumentar as tarifas.

CALIGULA- Perdeste uma boa ocasião de ficar calado. Dada a tua idade, estas questões não te interessam e não te peço a opinião.

MEREA- Neste caso, por que me mandaste ficar?

CALIGULA- Porque daqui a pouco vou precisar de um conselho desapassionado.

KEREA- Se me é permitido falar com paixão, Caio, direi que não se deve tocar nas tarifas.

CALIGULA- Claro. Mas precisamos aumentar a renda. Já espus o meu plano a Cesônia. Ela vos explicará. Por mim, bebi demais e começo a ter sono.

CESONIA- É muito simples. Calígula cria uma nova condecoração.

KEREA- Não vejo o que tem uma coisa com a outra.

CESONIA- Tem sim. A distinção consistirá na ordem do Herói cívico e recompensará os cidadãos que mais assiduamente tiverem frequentado o prostíbulo de Calígula.



o prostíbulo de Calígula.

KEREA- É uma idéia luminosa.

CESONIA- Também acho, digo, tem sim. A distinção consistirá na ordem do herói cívico, digo, Também acho. Esquecia-me de dizer que a recompensa é outorgada todos os meses, após a verificação dos bilhetes de entrada; o cidadão que não for condecorado ao fim de doze meses é exilado ou executado.

TERCEIRO PATRICIO- Por que "ou executado?"

CESONIA- Calígula diz que isso não tem nenhuma importância. O essencial é que ele possa decidir.

KEREA- Bravo. O tesouro público está salvo.

HELICON- E respeitando sempre a moral, notem bem. Afinal, é melhor tabelar o vício que espoliar a virtude, como se faz nas sociedades republicanas.

CALIGULA- Que estás bebendo, Merêa?

MEREA- É um remédio para a asma, Caio.

CALIGULA- Não. É um contra veneno.

MEREA- Mas que idéia, Caio. Estás brincando. Tenho sufocações durante a noite e há muito tempo que me trato.

CALIGULA- Quer dizer que tens medo de ser envenenado?

MEREA- A minha asma...

CALIGULA- Não. Vamos chamar as coisas pelo seu nome: reccias que eu te envenene. Desconfias de mim. Espia-me.

MEREA- Não, não. Juro pelos deuses.

CALIGULA- Desconfias de mim. De certa forma, suspeitas-me.

MEREA- Caio.

CALIGULA- Responda-me. Se estás tomando um contra-veneno é porque me atribuis a intenção de envenenar-te.

MEREA- É, quero dizer... não.

CALIGULA- E desde que pensas que eu decidi envenenar-te, fazes tudo para te opôr à minha vontade. São dois crimes e uma alternativa de que não escaparás: ou eu não tinha a intenção de te assassinar e nesse caso suspeitas injustamente de mim; ou eu tinha essa intenção e tu, inseto, opões-te aos meus designios. Hein, Merêa, que dizes tu desta lógica?

MEREA- É rigorosa, Caio. Mas não se aplica ao meu caso.

CALIGULA- E, terceiro crime, tomas-me por um imbecil. Ora, escuta.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Dêesses três crimes apenas um, o segundo, é honroso para te, por que, desde que me atribuis uma decisão e a contrarias, isso é uma revolta da tua parte. És um agitador, um revolucionário. Está bem. Estimo-te muito, Merêa. Por isso serás condenado apenas pelo teu segundo crime e não pelos outros. Vais morrer virilmente por te teres revoltado. Não me agradeças. É muito natural da minha parte. Toma. Bebe êsse veneno. Vamos, vamos. O que é? Um contra-veneno?
CESONIA- Não, Calígula. É um remédio contra a asma.
CALIGULA- Não importa. Tanto faz. Mais cedo ou mais tarde...

CENA XI

LEPIDO- Que havemos de fazer?
CESONIA- Primeiro retirar o corpo, acho. É tão feio.
LEPIDO- Teremos que agir quanto antes.
KEREA- Era preciso que fôssemos duzentos.

CENA XII

CESONIA- Vem cá.
SCIPIAO- Que desejas?
CESONIA- Aproxima-te. Ele assassinou teu pai.
SCIPIAO- Assassinou.
CESONIA- Tens-lhe ódio, não é?
SCIPIAO- Tenho.
CESONIA- Queres matá-lo?
SCIPIAO- Quero.
CESONIA- Então, por que o dizes a mim?
SCIPIAO- Porque não temo ninguém. Assassiná-lo, ou ser assassinado por ele, são duas formas de acabar com tudo. Além disso, tu não me trairás.
CESONIA- Não, digo, é verdade, não te trairei. Masqueria dizer-te uma coisa. Ou antes, queria dirigir-me ao que há de melhor em ti.
SCIPIAO- O que há de melhor em mim é o ódio.
CESONIA- Escuta só. Quero dizer-te uma palavra apenas, difícil e evidente ao mesmo tempo. Mas, se esta palavra fosse realmente compreendida, realizaria a única revolução definitiva neste mundo.
SCIPIAO- Dize, então.



CESONIA- Espera. Pensa primeiro no rosto convulso do teu pai, quando lhe arrancavam a língua. Pensa na boca cheia de sangue e no seu grito de animal torturado.

SCIPIAO- Sim.

CESONIA- Pensa agora em Calígula.

SCIPIAO- Sim.

CESONIA- E agora escuta: procura compreendê-lo.

CENA XIII

HELICON- Calígula vai voltar. Se fosses comer alguma coisa, jovem poeta?

SCIPIAO- Hélicon, ajuda-me.

HELICON- É perigoso, minha pombinha. Além disso não entendo nada de poesia.

SCIPIAO- Podias ajudar-me. Sabes tantas coisas.

HELICON- Sei apenas que os dias passam e que é melhor comer enquanto há tempo. Sei também que poderias matar Calígula... e que ele não se importaria.

CENA XIV

CALIGULA- Ah, és tu. A muito que eu não te via. Que tens feito? Continuas a escrever? Podes mostrar-me as tuas últimas produções?

SCIPIAO- Tenho escrito poemas, César.

CALIGULA- Sobre o que?

SCIPIAO- Não sei bem, César. Sobre a natureza, creio.

CALIGULA- É um belo tema. Muito vasto. O que é que ela te fez, a natureza?

SCIPIAO- Consola-me de não ser um César.

CALIGULA- Ah, e achas que ela podia consolar-me de o ser?

SCIPIAO- Realmente, tem curado feridas mais profundas.

CALIGULA- Feridas? Dizes isso com uma certa maldade. É por que matei o teu pai? Mas se soubesses como a palavra é justa. Ferida. Não há como o ódio para tornar as pessoas inteligentes.

SCIPIAO- Respondo a tua pergunta sobre a natureza.

CALIGULA- Recita-me o teu poema.

SCIPIAO- Por favor, César, não.



CALIGULA- Por que?

SCIPIAO- Não o tenho comigo.

CALIGULA- E não te recordas?

SCIPIAO- Não.

CALIGULA- Dize-me pelo menos o que contém.

SCIPIAO- Falava de...

CALIGULA- De quê?

SCIPIAO- Não, não sei...

CALIGULA- Experimenta.

SCIPIAO- Falava de uma certa concordância entre a terra...

CALIGULA- Entre a terra e o pé.

SCIPIAO- Sim, é mais ou menos isso.

CALIGULA- Continua

SCIPIAO- E também entre a linha das colinas romanas e essa acalmia fugitiva e emocionante que vem com o crepúsculo...

CALIGULA- E o grito das andorinhas no céu verde.

SCIPIAO- Sim, também.

CALIGULA- E depois?

SCIPIAO- E dêsse minuto sutil em que o céu, ainda inundado de ouro oscila bruscamente e nos mostra a sua outra face, apinhada de estrê-las fulgurantes.

CALIGULA- Dêsse cheiro a fumaça, árvores e água que sobe então da terra para o céu noturno.

SCIPIÃO- O grito das cigarras, o mormaço que amaina, os cães, o rolar dos últimos carros, a voz dos caseiros...

CALIGULA- E as sombras invadindo os caminhos entre os olivais...

SCIPIAO- Sim, sim, é isso mesmo. Mas, como adivinhaste?

CALIGULA- Não sei. Talvez porque amamos verdades idênticas.

SCIPIAO- Ah, que importa se tudo para mim se converte em amor.

CALIGULA- É o próprio das grandes almas, Scipião. Se ao menos eu pudesse partilhar da tua transparência. Mas, demasiado sei a força da minha paixão pela vida, demasiado sei que não me basta a natureza. Não podes compreender isso. És dum outro mundo. És puro no bem como eu sou puro no mal.

SCIPIAO- Posso compreender, sim.

CALIGULA- Não. Tudo que há em mim, este lago de silêncio, êsses jun-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

cos apodrecidos. O teu poema deve ser muito bonito. Mas se quiseres a
minha opinião...



SCIPIAO- Sim

CALIGULA- Falta sangue em tudo isso.

SCIPIAO- Ah, que monstro, que monstro infecto. Continuas a representar. Foi tudo uma comédia, hein? E agora, estás satisfeito contigo?

CALIGULA- Tens uma certa razão, representei.

SCIPIAO- Que coração ignóbil e ensanguentado deve ser o teu. Oh, como tanta maldade e tanto ódio te devem torturar.

CALIGULA- Agora cala-te.

SCIPIAO- Como te lastimo e como te odeio.

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Rui de Albuquerque, 835 - CEP 90010

CALIGULA- Cala-te.

SCIPIAO- E que imunda solidão deve ser a tua.

CALIGULA- A solidão. Sabes lá o que é a solidão? Talvez a dos poetas e a dos impotentes. A solidão? Mas qual? Ah, não sabes então que sozinho não se está nunca? É que a mesma carga de passado e de futuro nos acompanha sempre? Os seres que matamos estão ao nosso lado. E êsses ainda não s'ão os piores. Mas aqueles que amamos, aqueles que não amamos e que nos amaram, o arrependimento, o desejo, o azedume e a doçura, as putas e a corja dos deuses. Sozinho. Ah, se ao menos, em lugar dessa solidão impregnada de presenças que é a minha, eu pudesse gozar a verdadeira solidão: o silêncio e o frêmito duma árvore. A solidão. Nada disso, Scipião. Ela é povoada de ranger de dentes e ressoa de ruídos e de clamores perdidos. É junto das mulheres que acaricio, quando a noite se fecha sobre nós, e alheado da minha carne enfim saciada eu penso apreender um pouco de mim entre a vida e a morte a minha solidão total, impregnada do odor doce do prazer nas axilas da mulher aniquilada, ainda ao meu lado.

SCIPIAO- Todos os homens tem uma consolação qualquer na vida que os ajuda a aguentar. É para ela que se voltam quando se sentem esgotados

CALIGULA- É verdade, Scipião.

SCIPIAO- Na tua vida não há nada então de semelhante, o aproximar das lágrimas, um refúgio silencioso?

CALIGULA- Sim, apesar de tudo.

SCIPIAO- Que é?

CALIGULA- O desprezo.

TERCEIRO ATO

CENA I



HELICON- Aproximem-se. Aproximem-se. Eis que os deuses mais uma vez desceram a terra, Caio, César e deus, cognominado Calígula, emprestou-lhes a sua forma humana. Aproximem-se, mesquinhos mortais, o sacro milagre opera-se ante vossos olhos. Por uma graça particular ao bendito reinado de Calígula, os segredos divinos serão patenteados a todos os olhares.

CESONIA- Aproximem-se, senhores. Adorem e dêem um óbulo. Eis os mistérios celestes ao alcance de todas as bôlsas.

HELICON- Os bastidores do Olimpo, com suas intrigas e suas lágrimas. O Olimpo em chinelos. Aproximem-se, aproximem-se. A verdade nua e crua sobre os vossos deuses.

CESONIA- Adorem e ofereçam óbulo. Aproximem-se, senhores, a representação vai começar.

HELICON- Uma reconstituição impressionante da verdade, uma realização sem precedentes. Os majestosos cenários do poder divino transportados para a terra; uma atração sensacional, incomparável, o rgo. O trovão, o destino em pessoa na sua marcha triunfal. se e contemplem.

CALIGULA- Hoje, sou Vênus.

CESONIA- Começa a adoração. Prosternem-se. E repit' prece a Calígula-Vênus. "Deusa das dôres e da

PATRICIOS- "Deusa das dôres e da dança..."

CESONIA- "Das ondas nascida, toda viscos'

PATRICIOS- "Das ondas nascida, toda v' puma.

CESONIA- Tu que és como o riso

PATRICIA- Tu que és como o

CESONIA- O ardor e a rai'

PATRICIOS- O ardor e

CESONIA- Ensina-no

PATRICIOS- Ens'

CESONIA- Insta

ter.



PATRICIOS- Instrui-nos na verdade dêste mundo cuja verdade é na terra...

CESONIA- E concede-nos a força de viver à altura desta verdade sem par...

PATRICIOS- E concede-nos a força de viver à altura desta verdade sem par.

CESONIA- Pausa.

PATRICIOS- Pausa.

CESONIA- Cumula-nos de teus dons, derrama sobre o nosso rosto a tua crueldade imparcial, o teu ódio perfeitamente objetivo; abre sobre os nossos olhos as tuas mãos cheias de fôfes e de crimes.

PATRICIOS- Tuas mãos cheias de flôres e de crimes.

CESONIA- Acolhe teus filhos transviados. Recebe-os no êrmo asilo do teu amor indiferente e doloroso. Dá-nos tuas paixões sem objeto, tuas dores privadas de razão e tuas alegrias sem futuro.

PATRICIOS- E tuas alegrias sem futuro.

CESONIA- Tu, tão despojada e ardente, inumana mas tão terrestre, embriagamos com o vinho da tua equivalência e sacia-nos para sempre do teu coração sombrio e salgado.

PATRICIOS- Embriaga-nos com o vinho da tua equivalência e sacia-nos para sempre do teu coração sombrio e salgado.

CALIGULA- Concedido, meus filhos; Os vossos desejos serão satisfeitos. Pchit. Pchit. Vem cá, meu amigo. Adorar é bom mas dar é melhor. Obrigado. Se os deuses não tivessem outras riquezas além do amor dos mortais, seriam tão pobres quanto o pobre Calígula. E agora, senhores, podem sair e espalhar pela cidade o surpreendente milagre a que tiveram o privilégio de assistir: viram Vênus em carne e osso, com êsses olhos mortais, e Vênus dirigiu-vos a palavra. Podem-se retirar. Um momento. Ao sair tomem o corredor da direita. No da esquerda mandei postar guardas para os assassinar.

HELICON- Scipião, tornaste a te fazer de anarquista.

SCIPIAO- Blasfemaste, Caio.

HELICON- Que significa essa palavra?

SCIPIAO- Poluis o céu depois de teres ensanguentado a terra.

HELICON- Adora as frases feitas, digo, solenes, êste jovem.

CESONIA- Estás muito audacioso, meu caro. Há neste momento em Roma gente que morre por discursos menos eloquentes.

SCIPIAO- Decidi dizer a verdade a Calígula.

CESONIA- Pois é, Calígula, era só o que estava faltando ao teu reinado: uma bela figura moral.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CALIGULA- Quer dizer que acreditas nos deuses, Scipião?

SCIPIAO- Não.

CALIGULA- Então não compreendo: por que estás sempre tão pronto a denunciar a blasfêmia?

SCIPIAO- Posso negar uma coisa sem por isso me achar obrigado a denegri-la ou a retirar aos outros o direito de acreditar nela.

CALIGULA- Mas que modéstia. Alegro-me por, digo, isso sim é que é modéstia. Alegro-me por ti. E invejo-te. Porque provavelmente é o único sentimento que nunca experimentarei.

SCIPIAO- Não é a mim que invejas. É aos próprios deuses.

SCIPIAO- Se não te importas, isso ficará como um segredo, o grande segredo do meu reinado. Atualmente só me podem lançar em rosto o ter feito mais um pequeno passo no caminho da potência e da liberdade. Para um homem que ama o poder, a concorrência dos deuses tem qualquer coisa de irritante. Acabei com tal. Provei a esses deuses ilusórios que um home, se possui vontade, pode exercer, até sem aprendizagem, a ridícula profissão deles.

SCIPIAO- É aí que stá a blasfêmia, Caio.

CALIGULA- Nada disso, Scipiao. Trata-se de lucidez. Simplesmente compreendi que há apenas uma forma de igualar-se aos deuses: basta ser cruel como eles.

SCIPIAO- Basta ser um tirano.

CALIGULA- Que é um tirano?

SCIPIAO- Uma alma cega.

CALIGULA- Não é seguro, Scipião. Um tirano é um homem que sacrifica o povo às suas idéias ou à sua ambição. Ora, eu não tenho idéias e nada mais me resta a almejar quanto a honrarias e a poder. Se exerço uma tal potência é por compensação.

SCIPIAO- De que?

CALIGULA- Da estupidez e do rancor dos deuses.

SCIPIAO- O ódio não compensa o ódio. O poder não é uma solução. E conheço apenas um modo de neutralizar a hostilidade do mundo.

CALIGULA- Qual é?

SCIPIAO- A pobreza.

CALIGULA- Preciso de ensaiá-la também, qualquer dia.

SCIPIAO- Entretanto morrem muitos homens em torno de ti.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CALIGULA- Na realidade muitos/ poucos, Scipião. Sabes quantas guerras recusei?

SCIPIAO- Não.

CALIGULA- Três. E sabes por que as recusei?

SCIPIAO- Porque não te importa nada a grandeza de Roma.

CALIGULA-Não. Porque respeito a vida humana.

SCIPIAO- Estás brincando Caio.

CALIGULA- Ou pelo menos respeito-a mais do que um ideal de conquista. Por outro lado, não a respeito mais do que a minha própria vida. E se me é fácil matar é porque não me é difícil morrer. Não, quanto mais penso mais me persuado que não sou um tirano.

SCIPIAO- Que importa se isso nos custa tão caro como se o fosses.

CALIGULA- Se soubesses contar verias que a mínima guerra empreendida por um tirano racional vos custaria mil vezes mais caro do que os caprichos da minha fantasia.

SCIPIAO- Mas ao menos seria racional. E é indispensável compreender.

CALIGULA- O destino não se compreende, e é por isso que eu me fiz destino. Assumi o rosto estúpido e incompreensível dos deuses. É o que os teus companheiros de ainda a pouco aprenderam a venerar.

SCIPIAO- E é nisso que consiste a blasfêmia, Caio.

CALIGULA-Não, é arte dramática, Scipião. O erro de toda essa gente é não acreditar bastante no teatro.. Se acreditasse, saberia que é permitido a todo e qualquer um representar os dramas celestes e transformar-se em deus. Basta endurecer o coração.

SCIPIAO- Talvez, Caio. Mas se assim é, acho então que fizeste tudo para que um dia legiões de deuses humanos se levantem em torno de ti, p por sua vez implacáveis, e afoguem no sangue a tua divindade momentânea.

CESONIA- Scipiao.

CALIGULA- Deixa, Cesônia. Acertaste, Scipião. Sim, fiz tudo para isso. É-me difícil imaginar o dia a que te referes. Mas sonho às vezes com ele. E em todos os rostos que surgem então das profundezas da noite amarga, nesses traços cripados pelo ódio e pela angústia, reconheço efetivamente com delícia, o único deus que adorei nesse mundo: covarde e miserável como o coração do homem. E agora vai-te. Já falaste demais.

CENA III

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CALIGULA- Hélicon.

HELICON- Que há?

CALIGULA- O teu trabalho progride?

HELICON- Que trabalho?

CALIGULA- Mas... a lua.

HELICON- Vai andando. É uma questão de paciência. Mas queria falar-te.

CALIGULA- Paciência talvez tivesse. Não tenho é muito tempo. Deves apressar-te, Hélicon.

HELICON- Já te disse que farei o melhor possível. Mas agora tenho coisas graves a comunicar-te.

CALIGULA- Aliás, já a obtive.

HELICON- Quem?

CALIGULA- A lua.

HELICON- Sim, é claro. Mas sabes que conspiram contra a tua vida?

CALIGULA- Obtive-a mesmo totalmente. Duas ou três vezes apenas, é verdade. Mas ainda assim, obtive-a.

HELICON- Há muito que tento falar-te.

CALIGULA- Foi o verão passado. há muito tempo que a olhava e a acariciava sobre as colunas do jardim que ela tinha acabado por compreender.

HELICON- Deixemos de brincadeira, Caio. Ainda que não queiras ouvir-me, a minha obrigação é falar. Tanto pior se não escutas.

CALIGULA- Este verniz não vale nada. Mas, para tornar à lua, foi durante uma bela noite de agosto. Ela fêz-se um pouco de rogada. Eu já estava na cama. Apareceu primeiro toda sangrenta acima do horizonte. Depois começou a subir, cada vez mais leve, com rapidez crescente. E quanto mais subia, mais clara se tornava. Até que foi como um lago opalescente nessa noite percorrida pelo frêmito das estrelas. Veio então no valor, doce, ligeira e nua. Transpôs a porta do quarto e com sua certa lentidão chegou até minha cama onde se esgueirou, inundando-me dos seus sorrisos e do seu esplendor. Decididamente esse verniz não presta para nada. Mas, como vês, Helicon, posso dizer sem me gabar, que a possuí.

HELICON- Queres escutar-me e saber o que te ameaça?

CALIGULA- Quero apenas a lua, Hélicon. Sei de antemão o que será a minha morte. Mas não esgotei ainda tudo o que me pode ajudar a viver. É

por isso que quero a lua. E não tornes a aparecer aqui enquanto não a conseguires.

HELICON- Está bem, farei o meu dever e direi o que tenho a dizer-te. Formou-se uma conspiração contra ti. Kerêa é o chefe. Interceptei este escrito que te porá ao corrente do essencial. Deixo-o aqui.

CALIGULA- Onde vais, Hélicon?

HELICON- Vou buscar-te a lua.

CENA IV

VELHO PATRICIO- Dás licença, Caio?

CALIGULA- Vamos, entra. Então, belezinha, vens a procura de Vênus?

VELHO PATRICIO- Não, nada disso. Chut. Oh, perdão, Caio... quero dizer... bem sabes como te sou afeiçoado... e depois, desejo apenas terminar os meus dias em paz.

CALIGULA- Vamos, vamos.

VELHO PATRICIO- Sim. Pois bem... É gravíssimo.

CALIGULA- Não, não é.

VELHO PATRICIO- Mas o que, Caio?

CALIGULA- Mas de que estamos nós falando, meu amor?

VELHO PATRICIO- É que... Trata-se duma conspiração contra ti.

CALIGULA- Eu bem que te dizia que não era nada de grave.

VELHO PATRICIO- Caio, eles querem assassinar-te.

CALIGULA- Sabes por que não posso acreditar-te?

VELHO PATRICIO- Juro pelos deuses, Caio.

CALIGULA- Não jures, sobretudo não jures. Ora, escuta. Se o que dizes é verdade, eu teria de supor que stás traindo os teus amigos, não é?

VELHO PATRICIO- Mas Caio, o meu amor por ti...

CALIGULA- E não posso admitir uma coisa semelhante. Tive sempre um tal horror à covardia que me seria impossível não condenar à morte um traidor. Bem sei o que vales. E por certo não pretendes trair nem morrer.

VELHO PATRICIO- Certamente, Caio, certamente.

CALIGULA- Bem vêes que tinha razão em não te acreditar. Não és um covarde, pois não?

VELHO PATRICIO- Ah, não...

CALIGULA- Nem um traidor?





VELHO PATRICIO- Evidentemente, Caio.

CALIGULA- Por conseguinte, não existe conspiração, não é verdade? Era apenas uma brincadeira?

VELHO PATRICIO- Uma brincadeira, uma simples brincadeira...

CALIGULA- Ninguém quer me assassinar, está claro?

VELHO PATRICIO- Ninguém, é claro, ninguém.

CALIGULA- Então desaparece, belezinha. Um homem honrado é um animal tão raro neste mundo que não poderia suportar a sua presença por muito tempo. Preciso ficar só para saborear este grande momento.

CENA V

CALIGULA- Chama Kerêa. Espera. Trata-o com deferência. Tinhas ser, digo, decidido ser lógico, idiota. Trata-se agora de ver até que ponto. Se te trouxessem a lua, tudo mudaria, não é? O impossível deixaria de o ser e de repente, sem mais nem menos, tudo se transformaria. Por que não, Calígula? Quem pode lá saber? Há cada vez menos gente em torno de mim, é curioso. Demasiados mortos, demasiado mortos é o que causa este vazio. Mesmo se me trouxe-sses a lua não pederia voltar atrás. Mesmo que os mortos estremeçam de novo sob a carícia do sol, os homicídios não seriam abolidos. A lógica, é preciso seguir a lógica. Levar o poder até o fim, o abandono até o fim. Não, não se volta atrás, Calígula. Tem que se ir até à consumação.

CENA VI

KEREA- Mandaste-me chamar, Caio?

CALIGULA- Mandei sim, Kerea. Guardas, tragam archotes.

KEREA- Tens alguma coisa de particular a dizer-me?

CALIGULA- Não Kerêa.

KEREA- Tens a certeza de que a minha presença é necessária?

CALIGULA- Absoluta certeza, Kerêa. Mas, desculpa. Estava distraído, recebo-te mal. Senta-te e conversemos amigavelmente. Necessito falar um pouco com alguém inteligente. Kerêa, pensas que dois homens, cuja alma e cuja altivez são iguais, podem ao menos uma vez na vida falar-se de coração aberto, como se estivessem nús um diante do outro, despojados dos preconceitos, dos interesses particulares e das mentiras de que vivem?

KEREA- Penso que é possível, Caio. Mas acho que és incapaz disso.
CALIGULA- Tens razão. Queria apenas certificar-me que pensas como eu. Coloquemos então as máscaras. Façamos uso das nossas mentiras. Falemos como quem se bate, cobertos até à guarda. Kerêa, por que não gostas de mim?

KEREA- Porque não há em ti nada de que se possa gostar, Caio. Porque nessas coisas não se manda. E também porque te compreendo demais e não se pode amar um resto igual àquêle que tentamos dissimular em nós.

CALIGULA- Por que me odias?

KEREA- Nesse ponto enganas-te, Calígula. Não te odeio. Considero-te prejudicial e cruel, egoísta e vaidoso. Mas não te posso odiar porque não creio que sejas feliz. E não posso desprezar-te porque sei que não és um covarde.

CALIGULA- Então proque queres matar-me?

KEREA- Já te disse: porque te acho prejudicial. Gosto e necessito da segurança. A maioria dos homens é como eu. São incapazes de viver num universo em que a idéia mais bizarra pode, dum minuto para outro entrar a fazer parte da realidade, onde, na maior parte das vezes, entra mesmo como punhal entra no coração. Não posso viver num tal universo. Prefiro segurar as rédeas do meu destino.

CALIGULA- A segurança e a lógica não podem entrar juntas.

KEREA- Sim. Não é lógico mas é sadio.

CALIGULA- Continua.

KEREA- Nada tenho a acrescentar. Não quero entrar na tua lógica. Tenho outra idéia dos meus deveres de homem. Sei que a maioria dos teus súditos pensa como eu. És incômodo para todos. É natural que desapareças.

CALIGULA- Tudo isso é muito claro e muito legítimo. Para a maioria dos homens seria até evidente. Mas não para ti. Tu és inteligente e a inteligência ou se paga caro ou se recusa. Por mim, pago. Mas tu que a aceitas, por que não queres pagar?

KEREA- Porque tenho vontade de viver e de ser feliz. Penso que nem uma coisa nem outra são possíveis quando se leva o absurdo às suas últimas consequências. Sou como todos. Para me sentir livre, desejo às vezes a morte dos que amo, coboço as mulheres que as leis da família me impedem de cobiçar. Para ser lógico, deveria então matar e possuir. Mas s

sei que essas idéias vagas não tem importância. Se todos se ~~adivinhassem~~ ^{adivinhassem} com o direito de as realizar ninguém poderia viver nem ser ~~feliz~~ ^{feliz}. E repito, é isso que me interessa.

CALIGULA- Acreditas então numa idéia superior.

KEREA- Creio que certas ações são mais belas que as outras.

CALIGULA- Por mim, creio que todas se equivalem.

KEREA- Bem sei, Caio, e é por isso que não te odio. Mas és incômodo e tens que desaparecer.

CALIGULA- É justo. Mas então por que me anuncias, arriscando a vida?

KEREA- Porque outros tomarão o meu lugar e porque não gosto de mentir.

CALIGULA- Kerêa.

KEREA- Sim, Caio.

CALIGULA- Pensas que dois homens, cuja alma e cuja altivez são iguais podem uma vez na vida se falar de coração aberto?

KEREA- Penso que é o que acabamos de fazer.

CALIGULA- Sim, Kerêa. No entanto, achavas-me incapaz disso.

KEREA- Reconheço que estava errado... Agradeço-te. Espero agora a tua sentença.

CALIGULA- A minha sentença?... Ah, queres dizer... Sabes o que é isso, Kerêa?

KEREA- Sabia que a tinhas.

CALIGULA- Sim, Kerêa, e a tua própria franqueza era simulada. Os dois homens não se falaram de coração aberto. Mas não faz mal. Agora vamos deixar o jogo da sinceridade e continuar como antes. É preciso que procures ainda compreender o que vou declarar, que suportes as minhas ofensas e o meu modo de ser. Escuta, Kerêa, este escrito é a única prova.

KEREA- Retiro-me, Caio. Estou cansado de todo este jogo sinistro. Já o sei decor e não me interessa mais.

CALIGULA- Espera um pouco. É ou não é a única prova?

KEREA- Não creio que necessites de provas para fazer assassinar um homem.

CALIGULA- É certo. Mas por uma vez quero contradizer-me. Não faz mal a ninguém. E é tão bom contradizer-me de vez em quando. Repouzo. Necessito de repouso, Kerêa.

KEREA- Não entendo e não aprecio tantas complicações.





CALIGULA- É natural, Kerêa. Tu és um homem são. Não desejas nada de extraordinário. Pretendes apenas viver e ser feliz, só isso.

KEREA- Acho melhor ficar-mos por aqui.

CALIGULA- Ainda não. Um pouco de paciência, sim? Tenho em meu poder uma prova, estás vendo? Desejo partir do princípio de que sem ela não te posso mandar executar. É a minha idéia, é o meu descanso. Pois bem: olha o que são as provas na mão dum imperador. Vês, conspirador? Está-se derretendo, e à medida que essa prova desaparece, em teu rosto desponta uma aurora de inocência. Que admirável, que pura frente é a tua, Kerêa. Como é belo um inocente. Admira o meu poder. Os próprios deuses não podem restituir a inocência sem previamente terem castigado. E ao teu imperador basta apenas uma palavra para te absolver e encorajar. Continua, Kerêa, leva até o fim o magnífico raciocínio que me espuseste. O teu imperador espera o repouso. É a sua maneira de viver e ser feliz.

TEATRO DE ARENA . 226-0242

Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

QUARTO ATO

CENA I

SCIPIAO- Que queres de mim?

KEREA- O tempo urge. Devemos estar bem firmes na decisão.

SCIPIAO- Quem te diz que eu não estou firme?

KEREA- Não vieste ontem à nossa reunião.

SCIPIAO- É verdade, Kerêa.

KEREA- Scipião, sou mais velho que tu e não é meu costume pedir ajuda. Mas, realmente, preciso de ti. Para responder por êsse homicídio necessitamos de fiadores respeitáveis. No meio de tantas vaidades feridas, de tantos medos ignóbeis, só tu e eu somos movidos por razões desinteressadas. Sei que se nos abandonares, não trairás ninguém. Mas isso é o menos. O que desejo é que permaneças conosco.

SCIPIAO- Compreendo, mas juro-te que não me é possível.

KEREA- Então estás do seu lado?

SCIPIAO- Não. Mas não posso ir contra êle. Se o matasse, meu coração pelo menos estaria ao seu lado.

KEREA- No entanto, êle assassinou teu pai.

SCIPIAO- Sim, tudo começa aí. Mas tudo acaba aí também.

KEREA- Êle renega aquilo em que tu crês, escarnece aquilo que tu vene-

ras.

SCIPIAO- É verdade, Kerêa. Mas apesar disso há qualquer coisa em mim que se lhe assemelha. A mesma chama nos abrasa o coração.

KEREA--Chega um momento em que é preciso escolher.

SCIPIAO- Não posso escolher, porque além do meu próprio sofrimento, sofro também pelo que ele sofre. A minha desgraça é compreender tudo.

KEREA- Então decides dar-lhe razão.

SCIPIAO- Ah, Kerêa, por favor, ninguém, ninguém para mim terá jamais razão.

KEREA- Sabes que o ódio ainda mais pelo que ele fez de ti?

SCIPIAO- Sim, Kerêa, ensinou-me a exigir tudo.

KEREA- Não é isso, Scipião. Ele fez de ti um desesperado. E desesperar uma alma jovem é um crime que ultrapassa todos os limites, digo, os que ele cometeu até agora. Juro-te que bastava isso para eu o matar enfurecido.

CENA II

HELICON- Estava a tua procura, Kerêa. Calígula vai organizar uma pequena reunião entre amigos. Tens que esperar por ele. Mas de ti não precisamos, meu pombinho. Podes ir embora.

SCIPIAO- Kerêa. Procura compreender.

KEREA- Impossível, Scipião.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA III

PRIMEIRO PATRICIO- Mas, afinal, que pretendem de nós a estas horas da noite?

GUARDA- Senta aí.

PRIMEIRO PATRICIO- Se é para nos assassinar como aos outros, não vale a pena fazer tanta história.

GUARDA- Senta aí, velho mulo.

VELHO PATRICIO - É melhor sentar-mos. Este homem não sabe nada, é visível.

GUARDA- Sim, belezinha, é visível.

PRIMEIRO PATRICIO- Eu bem dizia. Era ter, digo, preciso ter agido antes. O que nos espera agora é a tortura.



VELHO PATRICIO- A conspiração foi descoberta.

KEREA- E então?

VELHO PATRICIO- Será a tortura.

KEREA- Recordo-me de que Calígula deu oitenta e um mil sestércios a um escravo ladrão que a tortura não fez confessar.

PRIMEIRO PATRICIO- E isso que nos adianta?

KEREA- Nada. Mas é uma prova de que ele aprecia a coragem. É bom não o esquecer. Não te importavas de não bater assim com os dentes? Detesto esse barulho.

VELHO PATRICIO- É que...

PRIMEIRO PATRICIO- Deixa de histórias. É a nossa vida que está em jogo.

KEREA- Sabem qual é o dito de Calígula que ele prefere?

PRIMEIRO PATRICIO- Sei. Disse ao carrasco: "Mata-o lentamente para que ele não se sinta morrer."

KEREA- Não. É ainda melhor. Depois duma execução bocejou e disse ao carrasco, digo, muito seriamente: "O que mais admiro é a minha insensibilidade".

PRIMEIRO PATRICIO- Estão ouvindo?

KEREA- Esta frase revela um fracô.

VELHO PATRICIO- Não te importas de não fazer filosofia? É coisa que detesto.

KEREA- Mas temos ao menos de reconhecer que este homem exerce uma influência indiscutível. Obriga a pensar. Obriga toda a gente a pensar. O que faz pensar é a insegurança. É por isso que tantos ódios o perseguem.

VELHO PATRICIO- Olha.

KEREA- Talvez tivesses razão.

PRIMEIRO PATRICIO- Devíamos ter agido antes. Esperamos demais.

KEREA- Sim. A lição vem um pouco tarde.

PRIMEIRO PATRICIO- Mas não é possível. Eu não quero morrer.

CENA V

CESONIA- Calígula encarregou-me de vos dizer que até agora vos chamou

aqui para tratar de assuntos de Estado, mas que hoje vos tinha com-
vidado a participar, digo, a comungar com ele numa emoção artística.
Acrescentou, aliás que quem não a tivesse comungado mandaria cortar
a cabeça. Desculpem se insisto. Mas tenho de vos perguntar se acha-
ram bela esta dança.

PRIMEIRO PATRICIO- Era bela, Cesônia.

VELHO PATRICIO- Se era, Cesônia.

CESONIA- E tu, Kereia?

KEREA- Arte pura, Cesônia.

CESONIA- Muito bem. Vou então informar a Calígula.

CENA VI

HELICON- Ora dize, Kerêa, era mesmo arte pura?

KEREA- Num certo sentido era.

HELICON- És muito hábil, Kerêa. Falso como um homem de bem. Mas ver-
dadeiramente hábil. Eu não. No entanto, não permitirei que toquem em
Caio, mesmo se é isso que ele deseja.

KEREA- Não compreendo nada desse discurso. Mas congratulo-me pela tua
dedicação. Aprecio os bons criados.

HELICON- Estás muito soberbo, hein? É verdade, sirvo um louco. Mas tu,
a quem serves? Já te digo o que penso da virtude. Sou escravo de nas-
cimento, de modo que a comédia da virtude representei-a sob chicotadas.
Caio não me veio com discursos. Alforriou-me e levou-me para o palácio.
Foi lá que eu conheci vocês e a sua virtude.. Vi que tinham uma cara
enjoada e um cheiro insípido, como quem nunca sofreu e nunca arriscou.
Vi poses cheias de majestade, mas aridez de coração. Rostos de avaro,
mãos somáticas. Arvorarem-se em juizes, vocês? Vocês, que fazem pro-
fissão da virtude, que sonham a tranquilidade como a donzela sonha o
amor, e que apesar de tudo vão morrer aterrorizados sem ao menos sa-
ber que mentiram a vida inteira. Vocês, pretendem talvez julgar aquele
que sofreu sem medida o que diariamente sangra por novas feridas? Pri-
meiro terão que me suprimir, podem estar certos. Despreza, despreza o
escravo, Kerêa. Ele vale mais que a tua virtude visto que se conserva
fiel ao seu desgraçado senhor e que o defenderá contra as vossas nobres
mentiras, as vossas bocas perjuras.

KEREA- Meu caro Hélicon, francamente, estás te deixando levar pela elo-
quência. Tinhas melhor gosto, antigamente.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

HELICON- Ah, desculpa. É o que ganhei em frequentar-vos. Os velhos ca-
sais acabam por se assemelhar tanto que tem até o mesmo número de pé-
los nas orelhas. Mas já me corrijo, não te preocupes. É só isto: estás
vendo a minha cara? Bom, olha-a bem, ótimo. Então agora viste o teu
inimigo.

CENA VII

KEREA- Agora temos de nos apressar. Fiquem aí, vocês dois. Logo à noi-
te seremos uns cem.

VELHO PATRICIO- Fiquem aí, fiquem aí. Preferia ir embora. Sinto o chei-
ro de morte por aí.

PRIMEIRO PATRICIO- Ou da mentira. Eu disse que a dança era bela.

VELHO PATRICIO- E era, num certo sentido era.

CENA VIII

SEGUNDO PATRICIO- Que aconteceu? Sabem o que aconteceu? O imperador
mandou nos chamar.

VELHO PATRICIO- Talvez seja para a dança.

SEGUNDO PATRICIO- Que dança?

VELHO PATRICIO- Enfim, a emoção artística.

TERCEIRO PATRICIO- Disseram-me que Calígula estava muito doente.

PRIMEIRO PATRICIO- Está mesmo.

TERCEIRO PATRICIO- Que tem êle? Por todos os deuses, será que êle vai
morrer?

PRIMEIRO PATRICIO- Não creio. A sua doença é mortal só para os outros.

VELHO PATRICIO- Se ousamos dizer.

VELHO PATRICIO- Compreendo. Mas não terá êle uma doença menos grave e
que nos convenha mais?

PRIMEIRO PATRICIO- Não. A doença de que falas não admite concorrência.
Com licença. Devo falar com Kerêa.

CENA IX

CESONIA- Calígula está sofrendo do estômago. Vomitou sangue.

SEGUNDO PATRICIO- Oh, deuses todo poderosos, faço votos se êle se res-
tabelecer, de doar duzentos mil sestércios em favor do Estado.

TERCEIRO PATRICIO- Júpiter, ofereço a minha vida em troca da sua.

CALIGULA- Aceito o teu oferecimento, caro Lúcio, e fico-te grato. meu tesoureiro se apresentará amanhã em tua casa. Nem sabes como estou comovido. Quer dizer que gostas de mim?

TERCEIRO PATRICIO- Ah, César, não há nada que eu não faça por ti sem exitar.

CALIGULA- Ah, Cássio, é demais e não sou digno dum tal amor. Não, não asseguro-te que não mereço. Levem-no. Vai, amigo, vai. E recorda-te que Calígula te entregou o coração.

TERCEIRO PATRICIO- Mas para onde me levam?

CALIGULA- A morte, ora esta. Deste a tua vida pela minha. Até já me sinto melhor. Nem sequer sinto na boca esse horrível gosto de sangue. Foste tu que me curaste. Sentes-te feliz, Cássio, de dar a tua vida pela dum outro, quando este outro se chama Calígula? Estou de novo pronto para qualquer festim.

TERCEIRO PATRICIO- Não quero. Mas é uma brincadeira.

CALIGULA- Sonhador. Em breve as estradas que dominam o mar estarão cobertas de mimosas. As mulheres usarão vestidos ligeiros. Um vasto céu fresco e lavado, Cássio, os sorrisos da vida. Se tivesses amado bastante a vida, meu caro, não a terias arriscado com tua imprudência. E quando se perde, há que pagar. Vem cá, Cesônia. A propósito, tive um belo pensamento que desejo comunicar-vos. O meu reinado até agora tem sido excessivamente feliz. Nem peste geral, nem religião cruel, nem ao menos um golpe de Estado; nada enfim, que nos faça passar à posteridade. É em parte por isso que eu procuro compensar a moderação do destino. Quero dizer... não sei se me compreenderam, enfim, sou eu que faço as vezes da peste. Mas, silêncio, lá vem Kerea. Agora tu, Cesônia.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA X

CESONIA- Calígula morreu.

PRIMEIRO PATRICIO- Não é possível, ainda a pouco ele estava dansando.

CESONIA- Justamente. O esforço deu cabo d'ele. Não dizes nada, Kerea?

KEREA- É uma grande desgraça, Cesônia.

CALIGULA- Bem representado, Kerêa. Bem, falhou. Não esqueças do que te disse.

CENA XI

VELHO PATRICIO- Será que ele está doente, Cesônia?

CESONIA- Não, belezinha, mas o que tu ignoras é que esse homem dorme duas horas por noite e o resto do tempo, incapaz de repouso, erra nas galerias do palácio. O que tu ignoras, o que nunca te perguntastes, é o que ele pensa nas horas mortas, que vão da meia noite até o nascer do sol. Doente? Não, não está doente. A não ser que inventes um nome e um remédio para as úlceras de sua alma, digã, de que sua alma está coberta.

KEREA- Tens razão, Cesônia, não ignoramos que Caio...

CESONIA- Não, não ignoram. Mas como todos os que carecem de alma não podem suportar os que a tem grande demais. Alma demais. Que coisa incômoda, não é?. Então chamam-lhe doença: e os medíocres sentem-se satisfeitos. Foste capaz de amar alguma vez, Kerêa?

KEREA- Já somos velhos demais para amar, Cesônia. E aliás, não é seguro que Calígula nos dê tempo para isso.

CESONIA- Tens razão. Ia-me esquecendo das recomendações de Calígula. Sabem que hoje é um dia consagrado à arte.

VELHO PATRICIO- Segundo o calendário?

CESONIA- Não, segundo Calígula. Ele convocou alguns poetas. Vai-lhes propor uma composição, a improvisar sobre dado tema. Deseja que os que entre vós são poetas concorram expressamente. Designou em particular o jovem Scipião, e Metelo.

METELO- Mas não estamos preparados.

CESONIA- Naturalmente haverá recompensas e castigos também. Posso dizer-vos, confidencialmente, que não são muito graves.

CENA XII

Está tudo a postos?- CALIGULA

CESONIA- Tudo. Faze entrar os poetas.

CALIGULA- E os outros?

CESONIA- Scipião e Metelo.

CALIGULA- Assunto: a morte. Prazo: um minuto.

VELHO PATRICIO- Quem será o júri?

CALIGULA- Eu, não basta?

VELHO PATRICIO- Basta, é claro, basta.

KEREA- Participarás também do concurso, Caio?

CALIGULA- É inútil. Há muito que fiz a minha composição sobre esse assunto.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



VELHO PATRICIO- E onde se pode obtê-la?

CALIGULA- Recito-a todos os dias, à minha maneira. Não te agrada a minha cara?

CESONIA- Peço-te perdão.

CALIGULA- Ah, por favor, nada de humildade. Sobretudo, nada de humildade. Já és bastante difícil de suportar, mas a tua humildade. Continuo. Só fiz esta composição. Todavia ela constitui a prova de que eu sou o único artista que Roma teve, o único, estás ouvindo, Kerêa, que fez coincidir os pensamentos com os atos.

KEREA- É apenas uma questão de poder.

CALIGULA- Com efeito. Os outros criam para suprir a falta de poder. Por mim não tenho necessidade de uma obra: vivo. Então, vocês terminaram?

METELO- Creio que sim.

TODOS- Sim, terminamos.

CALIGULA- Bom, então escutem. Vão sair da fila. Quando eu der o sinal o primeiro começará a leitura. Apenas eu apitar deve interromper-se e o segundo começará. E assim por diante. O vencedor, naturalmente, será aquele que não tenha sido interrompido pelo apito. Preparem-se. É preciso organização em tudo, até mesmo na arte.

PRIMEIRO POETA- Morte, quando ultrapassando as negras plagas...

SEGUNDO POETA- As três parcas no seu antro...

TERCEIRO POETA- Oh morte, eu te invoco...

QUARTO POETA- Quando eu era criancinha...

CALIGULA- Não. Que tem a ver a infância dum imbecil com o assunto? Fazes o favor de me dizer que relação tem?

QUINTO POETA- Mas caio, eu ainda não terminei...

SEXTO POETA- Inexorável caminho...

SETIMO POETA- Recôndida e difusa oração...

CALIGULA- É a tua vez, Scipião. Não escreveste nada?

SCIPIAO- Não foi prediso, Caio.

CALIGULA- Vejamos.

SCIPIAO- Busca da plenitude que torna puro o ser. Céu onde jorra o sol, alegria única e selvagem, delírio meu, sem esperança...

CALIGULA- Para sim? És jovem demais para conhecer as verdadeiras lições da morte.

SCIPIAO- Era jovem demais para perder meu pai.

CALIGULA- Vamos, vocês, ponham-se em fila. Um mau poeta é uma punição excessiva para o meu gosto. Tinha pensado até agora em vos conservar como meus aliados e cheguei a imaginar que constituiriam a última linha dos meus defensores. Mas era uma vã ilusão e vou incluir-vos entre os meus inimigos. Os poetas estão contra mim; realmente é o fim de tudo. Saíam em boa ordem. Vão desfilar diante de mim, lambendo as tabuinhas para apagar os vestígios das vossas infâmias. Atenção, avante.

KEREA- Chegou o momento.

CALIGULA- Não podes deixa-me em paz como o teu pai me deixa, agora?

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 83

Fone: 226.0242 - CEP 90020-4

CENA XIII

SCIPIAO- Ora, Caio, tudo isso é inútil. Já sei que escolheste.

CALIGULA- Deixa-me em paz.

SCIPIAO- Vou-te deixar, com efeito, porque acho que te compreendi. Nem para ti nem para mim, que me pareço tanto contigo, existe solução. Vou partir para bem longe, em busca da razão disso tudo. Adeus querido Caio. Quando tudo tiver terminado, não esqueças que eu te quis bem.

CESONIA- Que disse ele?

CALIGULA- Coisas que ultrapassam o teu entendimento.

CESONIA- Em que pensas?

CALIGULA- Nêle. E em ti também. Mas é a mesma coisa.

CESONIA- Que aconteceu?

CALIGULA- Scipião partiu. A amizade acabou. Mas, tu, gostaria de saber por que estás ainda aqui...

CESONIA- Porque te agrado.

CALIGULA- Não. Se te mandasse matar talvez compreendesses.

CESONIA- Seria uma solução. Porque não o fazes? Mas não poderias, ao menos por um minuto, consentir em viver livremente?

CALIGULA- Há já varios anos que me exercito a viver livremente.

CESONIA- Não é isso que quero dizer. Procura compreender-me. Pode ser tão bom viver e amar com pureza de coração.

CALIGULA- Cada um ganha a sua pureza como pode. Para mim alcanço-a perseguindo o essencial. Tudo isso, aliás, não impede que eu poderia mandar assassinar-te. Seria o coroamento da minha carreira. É estranho, quando não mato, sinto-me só. Os vivos não bastam para povoar o universo e afugentar o tédio. Quando todos me rodeam sinto um imenso



vazio que não posso olhar. Só estou bem entre os meus mortos. Só eles são verdadeiros. São como eu. Esperam por mim e instigam-me. Mantenho longos diálogos com eles, com este ou com aquele, que apelou para mim e a quem eu fiz cortar a língua.

CESONIA- Vem cá. Estende-te ao pé de mim. Põe a cabeça sobre os meus joelhos. Está bem assim. Que silêncio.

CALIGULA- Que silêncio. Exageras. Não ouves esses tinir de ferros? Não sentes esses milhares de rumores quase imperceptíveis que revelam o ódio a espreita.

CESONIA- Ninguém ousaria.

CALIGULA- Sim, a mediocridade.

CESONIA- A mediocridade não mata. Dá prudência.

CALIGULA- É mortífera, Cesônia. É mortífera quando se julga ofendida. Oh, não são aqueles a quem matei os filhos ou o pai que me assassinaram. Esses compreenderam. Estão comigo, tem o mesmo travo na boca. Mas os outros, aqueles de quem fiz troça e que ridicularizei; é contra a vaidade desses que estou em defeza.

CESONIA- Havemos de te defender. Somos ainda muitos a te querer bem.

CALIGULA- São cada vez menos numerosos. Fiz tudo isso. E depois é preciso ser justo. Não é só a mediocridade que está contra mim, é também a lealdade e a coragem dos que querem ser felizes.

CESONIA- Não te hão de matar. Porque então qualquer coisa viria do céu para os aniquilar antes que te tocassem.

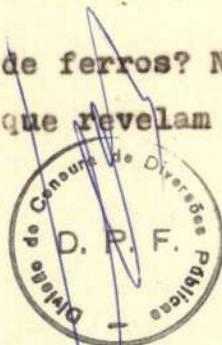
CALIGULA- Do céu. Coitada. Não há céu. Mas por que tanto amor de repente? Não faz parte das nossas convenções.

CESONIA- Não basta ver-te matar os outros, tenho ainda de saber que serás morto? Não basta acolher-te cruele dilacerado, sentir o teu odor de morte quando te estendes sobre meu ventre? Cada dia que passa sinto morrer em ti um pouco mais do que te tornava humano. Sou velha e bem sei que em breve serei feia. Mas o meu carinho por ti me transformou a lama a tal ponto que nem me importa mais se não me amas. Queria apenas ver-te curado, tu que és ainda uma criança. A vida inteira diante de ti. E que pretendes tu mais que a vida inteira?

CALIGULA- Há muito tempo já que estás comigo.

CESONIA- É verdade. Mas não me vais mandar embora, pois não?

CALIGULA- Não sei. Mas sei porque razão permaneces: por todas as noites em que o prazer era agudo mas sem alegria e por tudo o que sabes de mim. Tenho vinte e nove anos. É pouco. Mas nesta hora em que a vida, no



entanto, me parece tão longa e tão carregada de despojos, tão consumada enfim, tu permaneces a última testemunha. E não posso impedir-me de sentir uma espécie de ternura envergonhada pela velha que vias ser.

CESONIA- Mas dize que vias ficar comigo.

CALIGULA- Não sei. Sei apenas, e é o mais terrível, que essa ternura envergonhada é o único sentimento puro que a vida me deu até agora. Não seria melhor que a última testemunha desaparecesse?

CESONIA- Não tem importância. Sinto-me feliz pelo que me dissaste. Mas por que não posso partilhar contigo essa felicidade?

CALIGULA- Quem te disse que não estou feliz?

CESONIA- A felicidade é generosa. Não se alimenta com a destruição.

CALIGULA- Nesse caso é porque há duas espécies de felicidade e eu escolhi a dos assassinos. Porque sou feliz. Houve tempos em que julgava ter atingido os estremos da dor. Mas não, pode-se ir ainda mais longe. Ao termo desse deserto existe uma felicidade estéril e magnífica. Olha para mim. Dá-me vontade de rir, Cesônia, quando penso que durante anos Roma inteira evitou pronunciar o nome de Druzila. Porque Roma enganou-se todo o tempo. Não me basta o amor, foi o que então pensei. E é isso que penso ainda hoje, quando olho para ti. Amar uma pessoa é estar disposto a envelhecer com ela. Não sou capaz desse amor. Drusila velha era muito pior do que Drusila morta. Pens-se que um homem sofre porque o ser amado morre dum momento para o outro. Mas a sua verdadeira mágoa é menos fútil: é perceber que nem o sofrimento dura. A própria dor carece de sentido. Como vês, eu não tenho desculpas, nem sequer a ombra dum amor, nem a amargura da melancolia. Não tenho alibi. Mas hoje, sinto-me ainda mais livre do que há anos atrás, pois me libertei das lembranças e das ilusões.. Sei que nada perdura. E saber isso. Somos só dois ou três, no decurso da história a ter feito verdadeiramente esta experiência, a ter alcançado essa louca felicidade. Cesônia, presencias-te até o final uma tragédia bem curiosa. Chegou o momento do pano baixar para ti.

CESONIA- A felicidade, então, é essa liberdade pavorosa?

CALIGULA- Podes ter a certeza, Cesônia. Sem a liberdade eu teria sido um homem satisfeito. Graças a ela conquistei a divina clarividência do solitário. Vivo no mato, exerço o poder delirante do destruidor, junto do qual o do criador não passa dum arremêdo. Ser feliz é isso, é essa felicidade: intolerável sentimento de libertação, desprezo universal, o



sangue, o ódio em redor de mim, e esse isolamento sem igual do homem que domina toda a sua vida com o olhar, a alegria desmedida do assassino impune, a lógica implacável que esmaga vidas humanas. Que te esmaga, Cesônia, para atingir finalmente a solidão eterna que desejo.

CESONIA- Caio.

CALIGULA- Não, nada de ternura. É preciso acabar, Cesônia, porque o tempo urge, querida Cesônia. E tu também eras culpada. Mas matar não é a solução.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA XIV

CALIGULA- Calígula. Também tu, também tu és culpado. E um pouco mais, um pouco menos, tanto faz. Mas quem ousaria condenar-me nesse mundo sem Deus, digo, deus, em que ninguém é inocente? Bem vê, Hélicon não veio. Não terei a lua. Mas como é amargo ter razão e ser forçado a ir até o fim. Porque tenho medo da consumação. Ruído de armas. É a inocência que prepara o seu triunfo. Quem me dera estar no lugar deles. Tenho medo. Que nojo, depois de ter desprezado os outros, sentir a mesma covardia na alma. Mas não importa. O medo também não dura. Vou conhecer de novo esse grande vazio onde o coração encontra sua paz. Tudo parece tão complicado. E é tão simples, no entanto. Se tivesse obtido a lua, digo, a lua, se o amor bastasse, tudo teria mudado. Mas onde matar esta sede? Que coração, que deus teria para mim a profundidade de um lago? Nada, nem Neste mundo nem no outro, é à minha altura. No entanto eu sei, eu sei, e tu também sabes que bastaria o impossível realizar-se. O impossível. Procurei-o no limite do mundo, nos confins de mim mesmo. Estendi as mãos, e é a ti que encontro, sempre tu em face de mim, e sinto por ti um grande ódio. Não tomei o caminho certo, não chego a lugar nenhum. A minha liberdade não é a que conta. Hélicon, Hélicon. Oh, como esta noite é densa. Hélicon não virá: seremos culpados para sempre. Esta noite é densa como a dor humana.

HELICON- Em guarda, Caio, em guarda.

CALIGULA- Para a história, Calígula. Eu ainda estou vivo.

FIM

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90000

